

# O SISTEMA EDUCATIVO DE DOM BOSCO E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA (1883-1932)

*Antônio da Silva Ferreira\**

## Introdução

No Brasil, a pedagogia sofre o influxo de uma dupla corrente, a que provém da Europa, começando com o trabalho dos Jesuitas, e aquela que vem dos Estados Unidos. Com isso o vocábulo *educação* tem *um* duplo sentido, nem sempre percebido pelos autores e pela legislação.

Um primeiro sentido é o tradicional de *formação integral da pessoa* nas suas várias dimensões. Do étimo *educere*, procurar tirar para fora as qualidades e potencialidades que existem em cada um, para formá-las à luz de uma doutrina pedagógica e sob a influência da sociedade.

Um segundo sentido é o de *escola*, educação dada na escola. Assim se fala de educação primária, secundária, universitária, profissional, agrícola, etc.

Por causa desta dualidade de sentidos, compreende-se a ambigüidade de termos como *educação brasileira*, e se tenta, sem êxito, uma aproximação do sistema *educativo* de dom Bosco a métodos didáticos, como o construtivismo e outros<sup>1</sup>. Sem êxito sim, porque dom Bosco se ocupa prevalentemente das *relações humanas* que existem nos institutos de educação ou em outras instâncias sociais e não de didática propriamente dita.

O nosso trabalho não se subtrairá a esta ambigüidade, mas buscará falar também da educação não escolar. Nem nos ocuparemos da incidência quantitativa da instituição salesiana no Sistema Pedagógico Brasileiro. Só queremos esclarecer a incidência de dom Bosco na evolução dos estudos sobre a educação e na ação educativa no país e destes sobre a atividade dos salesianos.

Veremos então que no início os salesianos ofereceram à educação brasileira a contribuição das escolas profissionais em favor dos jovens pobres e abandonados. O oratório festivo, então, foi uma novidade absoluta no país.

As sucessivas reformas da escola feitas ao longo da Primeira República fizeram que o trabalho dos filhos de dom Bosco se concentrasse de preferência nas escolas

\* Salesiano, membro emerito dell'Istituto Storico Salesiano di Roma.

<sup>1</sup> Quanto a este ponto existe uma polêmica entre os salesianos e alguns professores da Universidade Católica de S. Paulo.

acadêmicas. Foi a hora dos grandes colégios em regime de internato. As escolas profissionais, pouco a pouco ficaram em segundo plano. No entanto o VII Congresso Internacional dos Cooperadores Salesianos, realizado em S. Paulo no ano de 1915, indicava que, naquele momento, o que a sociedade mais esperava da educação salesiana no Brasil eram ainda as escolas profissionais e agrícolas.

Não falamos da militarização dos colégios. Surgiu por motivos de utilidade social, quando se tratava somente de providenciar o cumprimento da obrigação de alistamento durante os estudos secundários. Durante a primeira guerra mundial, teve um forte incremento graças á propaganda feita pelo poeta Olavo Bilac. Mas disto se falará num outro trabalho<sup>2</sup>.

Episódio digno de nota foi a reforma do ensino comercial em 1925. O plano de reforma apresentado pelos salesianos foi publicado no «Diário Oficial» da nação e serviu, em grande parte, de base para aquela reforma.

No fim do trabalho também se faz uma comparação entre a Pedagogia de dom Bosco e o Movimento da Escola Nova, fazendo ver como dom Bosco antecipa algumas posições do Movimento e que o seu sistema educativo se pode, com todo o direito, chamar de Escola Nova<sup>3</sup>.

O nosso estudo se estenderá até os inícios da década de trinta, quando o *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova* terá como conseqüência a ruptura entre católicos e leigos. Estes se uniam na Associação Brasileira de Educação (ABE). A esta se contrapôs, sob a guia dos jesuitas, a Associação de Educação Católica (AEC).

## 1. A Pedagogia Brasileira no fim do Império e na primeira República

### 1.1. *No Império*<sup>4</sup>: a reforma Leôncio de Carvalho

Uma feliz definição do sistema educativo brasileiro durante o Império, especialmente na parte final, classificou-o como «uma Pedagogia de colégios». Em 1878-1879 chegou-se à chamada reforma Leôncio de Carvalho, chamada também lei do ensino livre. Concedia ampla liberdade de abrir escolas e cursos de todo tipo e grau. A inspeção governamental se limitava a assegurar as condições de moralidade e de higiene.

Não poucas associações se serviram da lei para abrir escolas gratuitas para a educação dos filhos do povo. No Rio de Janeiro, merecem especial menção o colégio dos beneditinos e o Liceu Literário Português, com centenas de alunos a quem se dava gratuitamente a educação.

<sup>2</sup> A educação salesiana teve que se adaptar à situação das escolas brasileiras quanto ao serviço militar. O problema é tratado por Riolando Azzi na sua contribuição: *A educação salesiana na emergência da burguesia Brasileira*, publicado neste mesmo volume.

<sup>3</sup> Veja Anexos II e III. Nos anos de mil novecentos e trinta, o Sistema Preventivo de dom Bosco foi proposto como modelo na reforma das escolas do Estado de Minas Gerais.

<sup>4</sup> Cf Maria de Lourdes Mariotto HAIDAR, *O ensino secundário no império Brasileiro*. S. Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Editorial Grijalbo Ltda. 1972.

Em S. Paulo, no Rio e em outras cidades, as melhores famílias buscavam bons colégios para seus filhos. As escolas particulares aperfeiçoavam sempre mais a sua maneira de ensinar. Faziam propaganda do feliz êxito que os alunos delas tinham tido nos exames de Estado<sup>5</sup>. Estenderam-se também quantitativamente, obtendo uma nítida superioridade sobre as escolas públicas do mesmo nível<sup>6</sup>. Muitas delas atendiam também, gratuitamente, os meninos pobres.

O ideal educativo do Governo imperial tomou consistência no colégio Pedro II, do Rio de Janeiro. Foi por muitas décadas o protótipo e o ponto de referência para os colégios da nação. Várias Províncias criaram também elas, ou tentaram criar, colégios similares. A ação das Igrejas se materializou nos Seminários (abertos também aos que não queriam tornar-se padres) e em diversos colégios – católicos ou evangélicos – que procuravam evangelizar as classes dirigentes da sociedade e também a classe média. Tal situação continuou nos primórdios da República<sup>7</sup>.

Se dermos crédito a Teodoro Massano, faltava, porem, à sociedade Brasileira um verdadeiro projeto educativo endereçado à juventude pobre e abandonada. Não obstante algumas iniciativas nesse sentido, o panorama das cidade visitadas por aquele jovem salesiano era desolador: «Mas nas estradas, no porto e em todos os cantos das cidades víamos grupos de pobres meninos vestidos com um pobre farrapo, mas a maior parte sem nada, em plena nudez, abandonados à desventura. Ninguém, fora a polícia, pensa neles»<sup>8</sup>.

Um tal vazio de ação sistemática em favor dos jovens pobres, – cujo numero aumentara imensamente depois da Lei do Ventre Livre de 1872<sup>9</sup> e as epidemia de febre amarela que deixavam tantos órfãos entre os imigrantes – não correspondia a uma insensibilidade da sociedade Brasileira no campo dos

<sup>5</sup> No Rio de Janeiro, Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, fundou o Colégio Abílio que teve fama de muito bom colégio em todo o território do Império, atraindo a si alunos de todas as partes. Sobre ele Raul Pompéia escreveu o seu *O Ateneu*

<sup>6</sup> Em 1883 havia 186 Pensionatos ou colégios particulares e somente 36 escolas públicas para o ensino secundário, segundo o relatório apresentado pelo Ministro do Império à Assembléia geral.

<sup>7</sup> Especialmente nas duas últimas décadas do século XIX, houve uma verdadeira proliferação destes institutos, como o Colégio Italiano, o Regina Margherita, o Liceu Alemão, o Júlio Ribeiro em Capivari, a escola de comércio do Mackenzie, o Colégio Presbiteriano, o Colégio Piracicabano dos metodistas, o Colégio Progresso Brasileiro dos batistas, a Escola Prática de Comércio de S. Paulo que depois se tornará a Álvares Penteado, o colégio S. Luís dos jesuitas, o Liceu de Artes e Ofícios do Sagrado Coração dos salesianos, o Colégio Patrocínio de S. José das Irmãs de S. José de Chambery, o Culto à Ciência de Campinas e tantos outros.

<sup>8</sup> [Teodoro MASSANO], *Uruguay e Brasile visti dalle lettere di Teodoro Massano (1881-1888)*. Introdução e texto critico a cura de Antonio da Silva Ferreira, em RSS 3 (1983) 315.

<sup>9</sup> Declarava livres os filhos dos escravos. O patrão da mãe podia ficar com os nascidos livres até a idade de dezoito anos, fazendo-os também trabalhar, em paga do sustento que lhes dava. Depois, os jovens deviam ajustar-se por si mesmos.

ideais<sup>10</sup>. Antes, escrevendo em 1890. Padre Luís Lasagna sublinhava que: «Aqui cada casa deverá sempre ter algumas oficinas, embora também os estudos devam ser cultivados. Pois a idéia de ensinar artes e ofícios nos faz populares e aceitos a todos»<sup>11</sup>. E bem conhecemos o projeto utópico de Rui Barbosa em favor da educação popular, projeto que não chegou nem mesmo a ser discutido nas Câmaras.

### 1.2. *Salesianos e Pedagogia no fim do séc. XIX*

Os jornais apresentavam dom Bosco como o grande educador que se ocupava da juventude pobre e abandonada. Dia 14 agosto de 1878, o jornal «O Apóstolo» transcrevia um artigo do português Antônio de Almeida, intitulado *Dom Bosco*, no qual o autor falava do Oratório de São Francisco de Sales de Turim, qualificando aquela obra como um verdadeiro prodígio. Também após a morte de dom Bosco os jornais continuaram a ocupar-se dele. A partir de 18 de novembro de 1888, «O Apóstolo» publicou em distintos episódios a biografia do Santo, escrita por Charles D'Espiney, traduzida por Emília B. da Silva Pontes.

As autoridades e as pessoas por bem faziam de tudo para obter os salesianos que desta se ocupassem<sup>12</sup>. Até no meio da rua faziam a dom Lasagna propostas para uma nova fundação<sup>13</sup>. Um ano depois, ele podia escrever a D. Lacerda a respeito da pastoral que este tinha publicado em favor dos salesianos, apenas chegados ao Brasil:

«Clara e esplêndida aparece a Missão de D. Bosco e de seus filhos [...] apresentando a Obra no seu verdadeiro caráter de essencialmente beneficente e gratuita, voltada para a educação das classes pobres e abandonadas da Sociedade Brasileira»<sup>14</sup>.

Se em Niterói os salesianos encontraram dificuldade para consolidar o colégio por causa da oposição dos protestantes e dos liberais, em S. Paulo foram bem recebidos e introduziram uma novidade na educação da juventude pobre: o Oratório festivo, não conhecido naquelas partes<sup>15</sup>.

<sup>10</sup> Algumas pessoas ricas e desejosas de fazer o bem, especialmente portugueses, frequentemente deixavam nos próprios testamentos legados em benefício dos meninos pobres.

<sup>11</sup> Carta Lasagna-Rua 30.08.90, em Mons Luigi LASAGNA, *Epistolario*. Vol. II. Introduzione, note e testo critico a cura di Antonio da Silva Ferreira. Roma, LAS 1997, p. 432.

<sup>12</sup> *Ibid.*, pp. 59, 61-62.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 88.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 148.

<sup>15</sup> Cf Mons. Luigi [Lorenzo] GIORDANO, *Epistolário*. Introdução, notas e texto crítico aos cuidados de Antenor de Andrade Silva, Edição preparatória, pp. 74, 81; P. Luiz MARCIGAGLIA, *Os salesianos no Brasil. Ensaio de crônica dos primeiros vinte anos da Obra de Dom Bosco no Brasil (1883-1903)*. S. Paulo – Brasil, [1955], pp. 68-69.

Um campo em que os salesianos logo se distinguiram foi o das escolas profissionais. Num tempo em que faltava completamente uma política do governo central neste campo, eles criaram ótimas escolas em Niterói, S. Paulo, Recife. No Mato Grosso então, a escola profissional dos salesianos em Cuiabá foi considerada uma inovação que vinha encher todos de esperanças para o futuro do Estado. Em Niterói, Lorena, Cuiabá e Recife, criaram também escolas secundárias.

Na Bahia, dizia em 1897 o

«Diário da Bahia»: «Não há necessidade de repetir a nossa opinião sobre uma instituição tão benéfica e útil, os fecundos resultados obtidos por toda a parte, transformando em hábeis operários tantos condenados pela inércia, tantas inteligências condenadas pela miséria a uma crassa ignorância e a perder-se por falta de instrução, que torna fecunda a inteligência e prepara a alma para o bem».

Gilberto Freyre, conhecido sociólogo brasileiro, falando da contribuição dada pela congregação salesiana para a educação diz:

«Em nenhum dos colégios daquela época se iniciavam os meninos em qualquer arte ou ofício, deixando este ensino exclusivamente para os liceus de artes e ofícios, para os patronatos, para o aprendizado com os artesãos. Aqui se deve ressaltar a notável contribuição católica para o desenvolvimento da educação dos brasileiros: aquela representada pelos colégios salesianos que foram implantados no país no fim do séc. XIX. Colégios do tipo do Santa Rosa, de Niterói, e onde aos estudos secundários se acrescentavam os de artes e ofícios diversos, segundo as mais modernas técnicas em vigor nestas artes e nestes ofícios»<sup>16</sup>.

## **2. As reformas da escola na Primeira República e os salesianos**

Em 1901, já em plena República, aconteceu uma profunda mudança na política educacional do Governo central. Em vez de ater-se somente aos exames de Estado, a reforma Epiácio Pessoa deu oportunidade aos colégios, – que tivessem as condições requeridas, – a possibilidade de equiparação com o Pedro II. Tinham assim o poder de expedir diplomas e certificados, sem que os seus alunos fossem obrigados ao exame de Estado.

Mas em 1911, uma nova reforma da escola, feita por Rivadávia Correia, retornava ao ensino livre, tirando aos colégios particulares a equiparação com o Pedro II. O resultado não foi nada bom. Em 1915, a reforma promovida por Carlos Maximiliano impunha de novo o exame de Estado, sem permitir a equiparação das escolas.

<sup>16</sup> Gilberto FREYRE, *Ordem e Progresso II*. Rio de Janeiro, José Olímpio 1974<sup>3</sup>, p. 581.



### 2.1. *A política dos «coronéis» e a mudança de orientação dos colégios salesianos*

Contemporaneamente à reforma da escola feita por Epitácio Pessoa, se verificava também uma mudança na realidade do país. Não existiam mais os escravos e as suas famílias. O trabalho persistente de Oswaldo Cruz tinha saneado muitas regiões, de tal forma que não se lamentavam mais as epidemias de febre amarela que criavam tantos órfãos entre os imigrantes.

Mudava também a economia. Com a crise do café, quem tinha dinheiro começou a preferir investi-lo na nascente indústria. Havia necessidade não apenas de operários qualificados, mas de gente capaz de trabalhar no escritório, pois também o comércio se desenvolvia sempre mais.

Para a opinião pública não interessavam, de imediato, as escola profissionais e agrícolas, mas sim as secundárias. Não só nas capitais, mas também nas cidade do interior do país sentia-se a necessidade de criar ginásios. Isso estimulava aqueles que se davam à política, os «coronéis», a fazer de tudo para obter um ginásio para a própria cidade ou para aquela que lhes servia de base eleitoral.

A estratégia que eles usaram para mudar a orientação dos colégios salesianos é clara na documentação das diversas obras: por motivo da crise do café, não dispunham mais de dinheiro para as grandes despesas que requeriam as escolas profissionais e agrícolas. Diminuía a beneficência para esse tipo de escola<sup>17</sup>. Mas se os salesianos quisessem aproveitar da reforma Epitácio Pessoa e equiparar as suas escolas, aí os benfeitores estavam dispostos a desembolsar quanto requerido para esse escopo. Os salesianos não dispunham de uma estrutura econômica sólida que lhes permitisse atuar um plano próprio no campo da educação. Os colégios, um depois do outro cederam, pediram e obtiveram a equiparação.

Duas foram as exceções: as Escolas Dom Bosco, de Cachoeira do Campo, em Minas Gerais, e o Sagrado Coração, em S. Paulo. Em Cachoeira do Campo, a escola agrícola se desenvolvera também com técnicas novas. Tinha o apoio das autoridade do Estado e formava agrônomos dos quais a economia de Minas Gerais, fundamentalmente agrícola, tinha necessidade. Obteve a equiparação para abrir um curso secundário, mas renunciou a ela. Tal atitude trará mais tarde, como conseqüência, a decisão dos Superiores de fechar a obra, – porque não se sustentava mais, – para abrir um colégio secundário em Ponte Nova. Tal decisão não foi, todavia colocada em prática e o colégio de Ponte Nova se abrirá mais tarde<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> Em Batataes, no Estado de S. Paulo, para continuar a escola agrícola, era necessário renovar a plantação de café, principal fonte de renda para a escola. Mas a população em geral queria um ginásio secundário. Os benfeitores se retiraram e foi necessário transferir a propriedade à diocese e mandar salesianos e alunos para o colégio de Campinas. Sobre a situação em que ficaram as escolas profissionais no Brasil, veja-se em ASC F 095 a carta Rota-Vespignani de 25.05.1923.

<sup>18</sup> Cf ASC F 095, *Memorandum* do Padre Pietro Rota aos Superiores, 08.11.1923; carta Rota-Biaggio Musso 08.02.1924. Tal decisão não foi colocada em prática. No lugar do curso

O Liceu do Sagrado Coração, de S. Paulo, tinha resistido até 1916. S. Paulo era um centro econômico já muito desenvolvido e as escolas profissionais se podiam manter por si mesmas, dada a alta qualidade dos trabalhos que faziam. Sendo, porém, diretor o P. Henrique Mourão<sup>19</sup>, abriu-se a escola secundária que, pouco a pouco, tomou o lugar da escola profissional.

### 3. As teorias de Lombroso. O episódio da Generala se repete em Recife

Diretor, por alguns anos, da Revista «Santa Cruz», dos salesianos, Brasília Machado<sup>20</sup> procurou obstacular a ação daqueles que queriam afastar os católicos do plano da sociedade para que pudessem livremente ditar leis e afirmar o domínio deles. A Revista entrou, pois, em polêmica com o positivismo dominante no ambiente cultural da Primeira República.

Um autor que é citado diversas vezes na Revista é César Lombroso, com a sua teoria do criminoso nato. Algumas vezes para servir-se da sua autoridade. Assim «Santa Cruz» III (1902-1903) p. 164 apresenta o estudo estatístico feito pelo doutor italiano sobre a criminalidade na Bélgica, Itália, França e Estados Unidos. Tal estudo chega à conclusão de que o sistema repressivo pouco pode fazer para fazer diminuir a criminalidade juvenil. «Os institutos organizados por dom Bosco são verdadeiramente um esforço colossal e genialmente organizado para a prevenção dos delitos. Na Itália não há outros!». Outras vezes a Revista combate as suas teorias sobre o criminoso nato. Assim, por exemplo, faz servindo-se do conhecido episódio da «Generala»<sup>21</sup>. Aqueles jovens delinquentes não

de agronomia, abriu-se o curso secundário. Entre os seus ex-alunos conta-se Augusto de Lima Junior, que deixou escritos sobre o sistema educativo usado naquele colégio. Foi também o contato com o colégio de Cachoeira que levou Mário Casasanta, Secretário da Educação para o Estado de Minas Gerais, a propor o sistema educativo de dom Bosco como modelo para a reforma das escolas do Estado (Cf Mário CASASANTA, *Dom Bosco educador: um mestre velho da escola nova*. Niterói, Escolas Profissionais salesianas 1934). O ensino de agronomia em Cachoeira do Campo terminou em 1933 por falta de alunos. Continuou a escola secundária.

<sup>19</sup> D. Henrique César Fernando Mourão (18787-1945). Em Lisboa, foi encarregado da edição portuguesa do BS. Depois voltou ao Brasil, onde conseguiu obter a equiparação do colégio S. Joaquim de Lorena. De 1909 a 1915 foi encarregado dos Aspirantes à vida salesiana. Feito diretor do Liceu Sagrado Coração de S. Paulo, escreveu um livrinho sobre o Sistema preventivo, para uso dos professores, em grande parte leigos. Transformou e reformou a planta física do colégio, seguindo a orientação da prefeitura municipal. Obteve, das autoridades federais, o reconhecimento legal do curso comercial. Deu início ao ensino secundário naquele Instituto.

<sup>20</sup> Quando era Presidente da Província de S. Paulo, promoveu a reforma da escola primária, conservando nela o ensino religioso. Feito Presidente da Província do Paraná, fundou o Instituto Paranaense e a Escola Normal. Depois foi membro do Conselho Diretor da Instrução Pública de S. Paulo e Presidente do Conselho Superior da Instrução, em nível federal. Foi redator e diretor de diversos jornais de tendência liberal.

<sup>21</sup> O episódio não só penetrou no ideário dos membros da Família salesiana, mas também na vida deles. Em diversas partes do mundo repetiu-se a experiência, com os mesmos

eram fruto da herança genética, mas, antes, tinham sido induzidos ao mal por fatores psicológicos, sociais e morais, como ensinava dom Bosco.

Repetindo que este episódio não só penetrou no ideário dos membros da família salesiana, mas também na vida deles. Em diversas partes do mundo se repetiu a experiência, com os mesmos resultados. Vindo ao Brasil, dia 6 de junho de 1926, os ex-alunos de Recife, que davam assistência religiosa à casa correcional daquela capital, levaram todos os jovens para fazer a comunhão pascal na igreja da casa salesiana. Presidiu a celebração o bispo diocesano, D. Miguel de Lima Valverde. Depois da missa e do desjejum, jogos diversos; depois do almoço, uma sessão de mágicas feita pelo Irmão salesiano Joaquim Guillón. Nessa sessão estavam presentes também o representante do Governador do Estado e dois cooperadores salesianos<sup>22</sup>.

#### 4. O centenário do nascimento de dom Bosco

Para solenizar o centenário da festa de Maria Auxiliadora e do nascimento de dom Bosco realizou-se em S. Paulo o VII Congresso Internacional dos Cooperadores salesianos. Era um sugestão dada pelo P. Stefano Trione, que tinha visitado os cooperadores de S. Paulo em 1914. Esperava-se do Congresso que desse normas para a boa organização dos Centros de cooperadores e para o BS, argumentos não tratados com clareza nos congressos anteriores<sup>23</sup>.

Aprovado pelo Núncio Apostólico e pelo Cardeal Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro, o congresso teve como Presidente de honra o arcebispo de S. Paulo, D. Leopoldo Duarte e Silva. Dirigia os cooperadores de S. Paulo Mons. Francisco de Paula Rodrigues (Padre Chico), o qual, porém, morreu uns meses antes do congresso. Tomaram parte nele seis bispos, e também representantes dos salesianos da Argentina e do Uruguai. Estavam presentes um representante do Presidente do Estado e o Secretario do Interior. Enviaram mensagens de adesão ao congresso, além dos bispos brasileiros, muitos bispos italianos. O Santo Padre enviou uma bênção especial. O P. Paulo Álbera escreveu uma carta ao inspetor abençoando a iniciativa. Para o final do congresso veio também o cônsul italiano em S. Paulo, representando a colônia italiana e o seu país.

resultados. Em Belo Horizonte, no ano de 2005 os salesianos assumiram o CEAD – Centro de Atendimento ao Adolescente, uma casa para jovens, que o juiz já reconheceu como infratores da lei, e que cumprem a pena de Medida socio-educativa de internato para os autores de algum crime (Artigos 121 a 128 do *Estatuto para a criança e o adolescente – ECA*). Já no primeiro semestre levaram tranqüilamente os jovens a passeio, no sítio da Inspeção, sem nenhum problema, contra a expectativa geral.

<sup>22</sup> Cf Luiz de OLIVEIRA, *Centenário da presença salesiana no Norte e Nordeste do Brasil I. Dos primórdios até 1932*. Recife, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios 1994, pp. 159-160.

<sup>23</sup> Cf Arquivo da Inspeção salesiana de S. Paulo, *Cooperadores salesianos Livro de Actas* fl 18.



Por causa do Congresso Eucarístico Nacional, que se celebrava no mesmo ano, pôde-se fazer o congresso somente em outubro. Suprimiu-se toda a parte festiva, em sinal de luto pelas vítimas do naufrágio da Barca Sétima, acontecido no Rio um pouco antes, com a morte de um salesiano e de 27 alunos do colégio de Santa Rosa de Niterói<sup>24</sup>. Mas realizaram-se as funções solenes no Santuário do Sagrado Coração.

Objetivo geral do congresso era «a restauração social em Cristo».

Foram tratados diversos argumentos: a organização dos cooperadores no Brasil, o sistema educativo de dom Bosco, as escolas, as escolas profissionais e agrícolas, os oratórios festivos, a imprensa católica, a educação física, as missões, etc.

Pediu-se que o BS fosse enviado não só aos cooperadores salesianos, mas a todas as pessoas simpáticas à Obra salesiana, aos ex-alunos e à imprensa local, para que difundisse as notícias por ele apresentadas.

Como o ensino religioso fora abolido nas escolas de Estado, a Igreja tinha criado as Escolas Superiores de Religião, especialmente para os adultos. O Congresso recomendou que os salesianos e as FMA mantivessem ainda Escolas de Religião para os jovens que não freqüentavam as nossas obras.

Houve um voto de louvor ao Instituto das FMA pelo bem que faziam às mulheres em geral e à juventude feminina em especial. Recomendou-se aos cooperadores que fizessem propaganda das escolas delas e daquelas dos salesianos e que fossem criadas bolsas de estudo para os jovens e as meninas pobres para que pudessem ir à escola dos salesianos e das FMA.

Aos ex-alunos pediu-se que criassem Associações próprias, que depois se inscrevessem na Federação Mundial.

Tomou-se a resolução de incentivar a devoção a Maria Auxiliadora e de construir igrejas e capelas em sua honra.

Entre as teses defendidas pelos oradores, a que a restauração da sociedade se devia fazer *através do trabalho*. Sentida a falta de um opúsculo sobre o sistema educativo de dom Bosco. Recomendou-se a introdução nas famílias do método educativo do Venerável. Foi disposto que cada mês houvesse uma reunião dos professores das escolas para tratar do Sistema Preventivo. De vez em quando houvesse uma reunião geral dos professores salesianos das diversas escolas.

Nas escolas noturnas se separassem os adultos dos menores de idade em dois grupos diversos. Fosse levado em conta também o desenvolvimento mental dos alunos para tornar mais homogêneos os grupos. Aos alunos, que geralmente eram trabalhadores, se fizessem periodicamente palestras sobre a questão social, a higiene pública e privada e outros assuntos do interesse deles.

<sup>24</sup> Nas águas da baía da Guanabara perderam a vida 27 jovens e o salesiano Otacílio Nunes, que procurava salvar o maior número de alunos que podia. Não obstante a gravidade do fato, a imprensa se colocou do lado dos salesianos. Nenhuma crítica nos jornais, antes todos se solidarizavam com os filhos de dom Bosco naquele momento de tristeza.

Por quanto diz respeito aos oratórios festivos, que se pedisse a colaboração dos jovens católicos para a catequese. E se buscasse interessar os poderes públicos e as paróquias para que imitassem os salesianos e criassem obras semelhantes<sup>25</sup>.

Da leitura das *Actas do congresso*<sup>26</sup>, vê-se que naquele momento o que a sociedade mais esperava da educação salesiana no Brasil eram ainda as escolas profissionais e agrícolas<sup>27</sup>.

Como fruto do congresso fundou-se no bairro do Bom Retiro, junto da paróquia salesiana, uma nova casa salesiana destinada a dar instrução profissional aos jovens pobres.

## 5. A reforma do ensino comercial e os salesianos

O ensino comercial, dado pelos salesianos de S. Paulo, teve início no fim do Império e inícios da Primeira República, no Liceu do Sagrado Coração. Era o mais antigo criado em S. Paulo. Desenvolveu-se lentamente até 1902, quando teve uma sua organização como curso com identidade própria. Na segunda década do século era o curso mais importante daquela casa. Fora reconhecido oficialmente pelo governo do Estado em 1901.

A primeiro de dezembro de 1921, foi aprovada a lei número 969, com a qual tais cursos podiam ser reconhecidos também na esfera do poder federal<sup>28</sup>. A pedido dos alunos, enviou-se logo ao Ministério o pedido de reconhecimento federal, o qual foi aceito em forma provisória. Em 1923 obtinha a equiparação à Academia de Comércio do Rio de Janeiro. Os alunos, no fim do curso recebiam o *Diploma de Contador*. Em 1924, inaugurou-se o Museu Comercial. Recolhia informações sobre o município, amostras de produtos agrícolas, minerais, matérias primas, indústria, bebidas, tecidos, materiais de construção, madeiras, combustível, inseticidas, jóias e sais<sup>29</sup>.

<sup>25</sup> Só ultimamente, sendo Secretário da Educação do Estado de S. Paulo um ex-aluno do colégio de Lorena, introduziu-se nas escolas daquele Estado algo de semelhante para atender os alunos no fim de semana.

<sup>26</sup> *Actas do VII Congresso Internacional dos Cooperadores salesianos realizado em S. Paulo nos dias 28, 29 e 30 de outubro de 1915*. S. Paulo, Escolas Profissionais do S. Coração de Jesus 1916.

<sup>27</sup> No entanto estavam em alta os internatos com ensino secundário. Lorena era chamada a Atenas do Vale do Paraíba, por causa do colégio salesiano S. Joaquim que brilhava pela qualidade do ensino e da pesquisa. No campo literário tinha uma Revista própria, «O Grêmio»; no campo científico tinha-se distinguido pelas descobertas como a do *mirmicofilus Badariotti*.

<sup>28</sup> Dizia o texto legal: «Os alunos diplomados pela Escola de Comércio a que se refere o artigo precedente, poderão ser nomeados independentemente de concurso ou quaesquer outras provas de habilitação intelectual, para os cargos de escrituração ou de contabilidade de qualquer das repartições públicas do Estado».

<sup>29</sup> *Anuario do Lyceu Coração de Jesus*, 39<sup>o</sup> ano lectivo. S. Paulo, Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus 1925, p. 145. e *Anuário do Lyceu Coração de Jesus*, 40<sup>o</sup> ano lectivo. S. Paulo, Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus 1924, pp. 145-146.

Em 1925, quer o Governo quer as escolas estavam de acordo que se devia proceder a uma reforma do curso. No fim de maio houve no Rio de Janeiro uma reunião dos representantes das escolas de comércio do Brasil para discutir, sob a presidência do Ministro da Agricultura, tal reforma. O diretor do Sagrado Coração de S. Paulo apresentou então algumas sugestões a tal escopo. O seu documento foi publicado pelo «Diário Oficial» de 28 de maio de 1925.

Dia 10 de novembro de 1926, o «Diário Oficial» publicava o texto do decreto número 17.329 de 28 de maio de 1926, com o qual se promovia a reforma do ensino comercial em todo o Brasil.

O Anexo I nos mostra como a proposta dos salesianos foi inserida no currículo do novo curso.

## 6. A escola Nova e o sistema educativo de dom Bosco

No período a cavalo dos séculos XIX e XX – e depois ao longo de todo o primeiro após guerra, houve um germinar de escolas que queriam renovar a educação e o ensino: as Escolas Novas. E 1921, a *Liga Internacional da Educação Nova* realizou em Calais, França, uma reunião para buscar os pontos comuns entre as diversas experiências educativas. Era promovida pela associação inglesa *New Education Fellowship* e pelo *Bureau International des Écoles Nouvelles*. Concordaram-se vinte e nove princípios, que depois se tornaram trinta em 1925.

Foi estabelecido que não se pudessem chamar Escolas *Novas* aquelas instituições que não realizassem *pelo menos quinze* dos trinta pontos concordados. Desse modo, sem fazer ideologia, se deixou o programa máximo à interpretação prática dos educadores. Podiam então colaborar utilmente nos diversos congressos, nas revistas, nas seções da Liga que se iam formando em cada uma das nações. Desta maneira conseguiu-se unir na prática os homens das diversas correntes que, animados de boa fé e de boa vontade, se podem encontrar e de fato às vezes se encontram<sup>30</sup>.

Foram, pois, fixados pelo *Bureau*, sete princípios de acordo para completar a *concórdia discors* existente no movimento.

O sistema educativo de dom Bosco atinge ao menos dezoito pontos dos concordados em Calais, e hoje satisfaz os sete pontos do *Bureau International des Écoles Nuouvelles*. É bom recordar que não se trata de um método didático de ensino. Também se serve de diversos métodos didáticos, mas é próprio dele animar, em espírito de família, as *relações humanas* existentes em todo o processo educativo.

### 6.1. O Instituto Cruzeiro de Álvaro Neiva

O movimento das escolas novas, no Brasil, foi recebido pelos salesianos com uma certa perplexidade. Parecia, de fato, que obrigasse a abandonar o modelo

<sup>30</sup> Veja-se em E IV, p. 97, a carta Bosco-Augusto Calabria 04.12.1881, na qual fala de um cooperador salesiano hebreu.

formativo transplantado de Turim. Não assim pelos leigos<sup>31</sup>. Antes, a primeira experiência de renovação da escola secundária foi feita pelo Instituto Cruzeiro, de Álvaro Neiva.

O Instituto Cruzeiro tinha internato e externato e obedecia aos programas escolares do governo. Do ponto de vista da formação da pessoa, seguia o sistema educativo de dom Bosco, de quem Álvaro Neiva foi sempre entusiasta<sup>32</sup>. Do ponto de vista didático, a aprendizagem se dava de forma sempre socializada. As atividades escolares eram organizadas sob formas diversas – associações, centros, núcleos, academias, cooperativas, fábricas, oficinas – que substituíam com as suas atividades as aulas de cada disciplina. Todo o currículo escolar era absorvido pelas atividades, em aparência extraclasse. Uma associação geral reunia todos os alunos para finalidade de educação cívica e até para tomar parte na administração geral da escola.

Tinha-se especial cuidado para que as diversas instituições da escola não tomassem um andamento puramente formal. Só desta maneira se atingia o objetivo de uma educação da pessoa do aluno. Os alunos demonstravam geral interesse pelo trabalho em que tomavam parte, com vivo espírito de solidariedade no seu próprio grupo e na comunidade geral representada pelo Instituto.

A documentação que diz respeito ao aproveitamento nos estudos posteriores, na formação social e profissional dos ex-alunos testemunhava em favor de quanto realizado no Instituto Cruzeiro.

## Conclusão

O sistema educativo de dom Bosco tem tido uma segura influência sobre a pedagogia não escolar do Brasil. O oratório festivo foi uma novidade absoluta no panorama educacional do país e hoje continua ainda a exercer influência sobre várias iniciativas de educação popular, também as promovidas pelos governantes. No período posterior ao que tomamos para objeto de estudo, há outras contribuições de grande valor. Basta citar, no campo das leis, o ECA (Estatuto da criança e do adolescente), em que é visível a presença da pedagogia salesiana.

No campo da educação colegial, foi grande, nos inícios, a contribuição dos salesianos no campo da escola profissional. Enquanto existiram os internatos, foi grande também a contribuição dada pelos salesianos à educação da juventude no Brasil.

<sup>31</sup> Entre os que assinaram o *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, encontramos pessoas ligadas aos salesianos ou às FMA, como Manoel Bergstrom Lourenço Filho, Mário Casasanta e Antonio Ferreira de Almeida Junior.

<sup>32</sup> Infelizmente, do Instituto Cruzeiro não se encontraram senão algumas breves notícias nos livros. Outras notícias se obtiveram pela história oral. Álvaro Neiva, além de ser entusiasta do sistema educativo de dom Bosco, lutou sempre pela formação do honesto cidadão através do estudo da Educação Cívica e Moral. Para este trabalho seguimos Manoel Bergstrom LOURENÇO FILHO, *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. Bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia Contemporânea. S. Paulo, Edições Melhoramentos – Fundação Nacional do Material Escolar do MEC [1978]<sup>12</sup>, pp. 177-178.

Importante a presença salesiana na reforma do ensino comercial, como se pode ver pelo anexo I.

## ANEXO I

### Reforma do ensino comercial

Proposta do Padre Luís Marcigaglia	Decreto 17329 de 28 de maio de 1926
<b>Modalidade do curso:</b> curso fundamental – 2 anos curso médio – três anos curso superior – três anos	<b>Modalidade do curso:</b> curso geral – 4 anos curso superior – 3 anos curso de especialização (atuário consular, perícia contábil etc.)
Admissão a curso fundamental: exames de português, aritmética elementar, francês, prova gráfica de desenho, geografia, história pátria, ciências.	Admissão ao curso geral: exames de português, aritmética prática, elementos de geografia física e de coreografia, noções gerais de coreografia e história do Brasil, instrução moral e cívica, desenho de figuras a mão livre, morfologia geométrica.
<b>Disciplinas do curso fundamental:</b> Primeiro ano: Instrução moral e cívica Português Francês – Aritmética prática Contabilidade Coreografia geral Desenho e caligrafia Datilografia	<b>Disciplinas do curso geral:</b> Primeiro ano: Instrução moral e cívica Português Francês Inglês Matemática (aritmética e álgebra) Contabilidade Geografia física e política Caligrafia –
<b>Segundo ano:</b> Português Francês - Aritmética comercial Geometria prática Contabilidade Geografia do Brasil História do Brasil Datilografia Desenho	<b>Segundo ano:</b> Português Francês Inglês Matemática (aritmética e álgebra) - Contabilidade mercantil Coreografia do Brasil História geral (especialmente do Brasil) Datilografia Desenho (especialmente aplicado ao comércio)
<b>Curso médio</b> Primeiro ano Português Francês	Terceiro ano Português Francês



Proposta do Padre Luís Marcigaglia	Decreto 17329 de 28 de maio de 1926
<p><b>Inglês</b>            Contabilidade            -            -            -            História geral</p> <p>Física            Química            História natural            Estenografia            Duas línguas vivas a escolher entre Italiano, Espanhol, Esperanto, Alemão</p>	<p><b>Inglês</b>            Contabilidade agrícola e industrial            Álgebra            Geometria            Noções de geografia econômica            Noções de história do comércio, da agricultura e da indústria            Noções de física            Noções de química            Noções de história natural            Mecanografia</p>
<p><b>Segundo ano</b>            Português            Inglês            Álgebra</p> <p>Contabilidade</p> <p>Física            Química            História Natural            História geral            Noções de ciências jurídicas</p> <p>e econômicas</p> <p>Estenografia            Duas línguas vivas</p>	<p><b>Quarto ano</b>            -            -            Matemáticas aplicadas (binômio, série, empréstimos, cálculo das probabilidades, seguros)            Contabilidade bancária e das companhias de Seguro            Contabilidade pública            Física,            Química,            História natural aplicada ao comércio            -            Direito constitucional, civil e comercial; prática jurídico-comercial            Legislação da empresa e da alfândega            Merceologia e decimologia merceológica            Prática de comércio e do processo de propaganda comercial e anúncios            Estenografia            -</p>
<p><b>Terceiro ano</b>            Português            Inglês            Duas línguas vivas            Contabilidade            Álgebra            Química Industrial e Merceológica            Noções de ciências jurídicas e econômicas</p>	<p>-</p>
<p><b>Curso superior</b>            Primeiro ano            Línguas vivas</p>	<p><b>Curso superior</b>            Primeiro ano            Alemão, italiano ou espanhol</p>

Proposta do Padre Luís Marcigaglia	Decreto 17329 de 28 de maio de 1926
<p><b>Curso superior</b>                      Primeiro ano                      Línguas vivas                      Matemática Superior aplicada ao Comércio                      Estatística                      -                      -                      -                      História do Comércio e da Indústria                      Direito comercial</p>	<p><b>Curso superior</b>                      Primeiro ano                      Alemão, italiano ou espanhol                      Matemáticas aplicadas às operações econômicas                      -                      Geografia humana; geografia comercial                      Tecnologia industrial e mercantil                      Contabilidade administrativa, agrícola e industrial</p>
<p><b>Segundo ano</b>                      Línguas vivas                      Direito comercial                        Contabilidade mercantil comparada                          Tecnologia industrial e mercantil                      Matemática superior</p>	<p><b>Segundo ano</b>                      Alemão, italiano ou espanhol                      Obrigações do direito civil; direito comercial da agricultura e marítimo                      Economia política; ciência das finanças                      História do comércio, da agricultura e da indústria                      Direito constitucional e administrativo; ciência da administração                      -                      -</p>
<p><b>Terceiro ano</b>                        Contabilidade do Estado                      Banco modelo                      Direito internacional                      Diplomacia e correspondência diplomática                      História dos tratados                      -                      -                      Ciência das finanças                      Economia política</p>	<p><b>Terceiro ano</b>                      Alemão, italiano ou espanhol                      Contabilidade comparada a banco modelo                        Direito internacional, diplomacia, história dos tratados e correspondência consular e diplomática                      Direito industrial e legislação operária                        Psicologia aplicada ao comércio;                      Noções de arte decorativa</p>

## ANEXO II

### Os trinta princípios do congresso de Calais<sup>33</sup>

*Quanto à organização geral:*

A Educação Nova é um laboratório de pedagogia prática que se propõe servir como sugestão às escolas oficiais.

<sup>33</sup> De Luigi ROMANINI, *Il Movimento Pedagogico all'estero II. Le esperienze*. Brescia, «La Scuola» Editrice [s/d]<sup>3</sup>, pp. 14-17. Assinalamos com \* os princípios que comumente são adotados no sistema educativo de dom Bosco.

- \* 02. A Educação Nova é um internato em atmosfera quanto mais possível familiar.
- 03. A Educação Nova se estabelece no campo.
- 04. A Educação Nova reúne os alunos em pavilhões (de dez a quinze cada um).
- \* 05. A Educação Nova pratica a co-educação dos sexos.
- 06. A Educação Nova deve ter pelo menos uma hora e meia ao dia de trabalho manual.
- 07. A carpintaria ocupa o primeiro lugar entre tais trabalhos. A jardinagem e a criação de animais são também aconselhados.
- \* 08. Devem ser possíveis trabalhos livres.
- \* 09. A Educação Física é realizada mediante a ginástica natural, os brinquedos, os esportes.
- \* 10. Acampamentos e excursões.

*Quanto à educação intelectual:*

- \*11. desenvolver a capacidade de julgar mais que a memória.
  - \*12. espacialização espontânea junto à cultura geral.
  - \* 13. o ensino se baseia sobre fatos e sobre experiências.
  - \*14. em consequência, a Educação Nova se apóia sobre a atividade pessoal da criança.
  - \*15. o ensino é fundado no interesse espontâneo dos alunos.
  - \*16. o trabalho individual consiste em pesquisas quer através dos fatos, que nos livros, periódicos etc., e, em seguida, em classificações segundo a ordem lógica. O trabalho coletivo consiste na elaboração em comum de documentos particulares.
- O ensino propriamente dito é limitado ao período da manhã.  
O professor não trata mais de uma ou duas matérias por dia: a variedade deve surgir do modo de apresentá-las.  
O ensino trata de poucas matérias por cada mês ou trimestre.

*Quanto à educação moral*

- \*21. A Educação moral se realiza do interior para o exterior e isso por meio da prática gradual do sentido crítico e da liberdade. Para a organização administrativa e disciplinar se aplica o sistema representativo democrático.
- \*23. Prêmios e sanções positivas não são admitidos se não como ocasiões para promover a iniciativa.
- \*24. Prêmios e sanções negativas consistem em colocar o aluno em condição de atingir melhor o fim considerado bom.
- \*25. Autoemulação.
- \*26. A Educação Nova deve apresentar uma atmosfera estética e acolhedora.
- \*27. Música coletiva, canto, coral, orquestra.

\*28. A Educação da consciência, para as crianças, consiste especialmente em contos morais.

\*29. A maior parte das escolas novas observa uma atitude religiosa sem sectarismos e pratica a neutralidade confessional.

*Princípio acrescentado em 1925:*

\*30. A Educação Nova prepara o futuro cidadão não só em vista da Nação, mas também em vista da Humanidade.

### ANEXO III

#### **Sete princípios do *Bureau International des Écoles nouvelles*, de Genebra:**

O fim essencial de toda educação é preparar a criança para querer e para realizar na vida a supremacia do espírito; portanto, qualquer que seja o ponto de vista do educador, deve visar fazer crescer na criança a energia espiritual.

Ela deve respeitar a individualidade da criança: tal individualidade não se pode desenvolver se não por meio de uma disciplina que conduza à libertação das potências espirituais que existem nesta.

Os estudos e em geral a aprendizagem de viver devem dar livre curso aos interesses inatos na criança, isto é àqueles que nela se despertam espontaneamente e que encontram a sua expressão nas atividades várias de ordem manual, intelectual, estética, social, etc.

Cada idade tem o próprio caráter: é preciso, portanto, que a disciplina coletiva seja organizada pelos mesmos meninos com a colaboração dos professores e deve tender a reforçar o sentido da responsabilidade individual e social.

A competição egoísta deve desaparecer da educação e ser substituída pela cooperação que ensina o menino a colocar a sua individualidade a serviço da coletividade.

A co-educação dos sexos pedida pela Liga – co-educação que significa instrução e educação em comum – exclui o tratamento idêntico imposto aos dois sexos, mas implica uma colaboração que permita a eles exercitar mutuamente uma influência salutar.

A Educação Nova prepara na criança não só o futuro cidadão (capaz de cumprir os deveres que ele tem para com o seu próximo, a sua nação e a humanidade tomada no seu conjunto), mas, outrossim, o ser humano consciente da sua dignidade de homem.